

Ficções de um pesquisar no Vale do Jequitinhonha: quando uma mulher de barro se confunde com uma moringa de carne e ossos

Fictions of a research in the Jequitinhonha Valley: when a woman made of clay becomes confuses with a bottle of flesh and bones

Rafael Antunes Machado¹ • Carolina Tamayo²

Resumo: Esta comunicação é um exercício pela afirmação da potência da escrita ficcional para pesquisas na/da Educação Matemática que apresenta recorte de uma pesquisa de doutorado desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais. Nos movimenta a seguinte pergunta: *como as artesãs do barro podem me motivar a problematizar um currículo (indisciplinar) de matemática que seja afetado pelas instabilidades das práticas socioculturais, pelas inconstâncias da natureza e pelos jogos corporais praticados pelas atrizes e atores em cada cena de trabalho?* Como perspectiva teórico-metodológica assume-se o pensamento do segundo Wittgenstein em diálogo com Jacques Derrida para trabalhar nos limites da impossibilidade para aquilo que chamamos de indisciplinaridade ou um currículo artesã.

Palavras-chave: Currículos Indisciplinares. Artesanato. Mulher. Desconstrucionismo. Jogos de Linguagem.

Abstract: This paper is an exercise in affirming the power of fictional writing for research in/of Mathematics Education, presenting a part of a doctoral research developed at the Federal University of Minas Gerais. The following question moves us: *how can clay artisans motivate me to problematize an (indisciplinary) mathematics curriculum that is affected by the instabilities of sociocultural practices, by the inconstancies of nature, and by the physical games practiced by actresses and actors in each work scene?* As a theoretical-methodological perspective, the thinking of the second Wittgenstein in dialogue with Jacques Derrida is assumed to work within the limits of the impossibility of what we call indisciplinarity or an artisan curriculum.

Keywords: Indisciplinar Curriculum. Crafts[wo]manship. Woman. Deconstructionism. Language Games.

1 Advertência: uma escrita [não] ficcional por vir³

Prezada leitora, prezado leitor, apresentamos, aqui, uma escrita que borra os limites entre o ficcional e o realista. Convidamos para a empreitada Jacques Derrida, um dos filósofos que mais se debruça sobre a oposição “real” vs. “ficção”, no sentido de assumir uma posição nem “realista” nem “ficcionalista”. Assim, assumimos a desconstrução nesta escrita para vislumbrarmos currículos múltiplos, polifônicos e desobedientes.

Há, aqui, um exercício que procura pela desnaturalização de toda possibilidade da manutenção de discursos academicistas sobre o conduzir pesquisas em Educação Matemática

¹ Universidade Federal de Minas Gerais • Belo Horizonte, MG — Brasil • ✉ rafantunesmachado@gmail.com • ORCID 0009-0008-0216-3387.

² Universidade Federal de Minas Gerais • Belo Horizonte, MG — Brasil • ✉ carolinatamayo@ufmg.br • ORCID 0000-0002-8478-7845.

³ Para preservar a escrita em forma de diário, traremos parte das discussões teóricas ao longo de notas de rodapé.

e suas vertentes. Tal discurso, na sua pretensão de responder às exigências de veracidade postas pelas metodologias de pesquisa prescritivas da Academia, deslegitima discursos que não pretendem reproduzir essa postura e, por isso, são chamados de ficcionais ou relativistas.

Em contramão, nos permitimos uma escrita ficcional com propósitos desconstrucionistas, um pesquisar do “como se”, um pesquisar do nem – nem⁴, um pesquisar como possibilidade do impossível, ou melhor, como movimento do indecível. *E, diante da impossibilidade, qual o currículo [in]disciplinar e artesã pretendemos neste caminhar? Melhor dizendo, qual o currículo se configura dadas as motivações de uma pesquisa em solo artesã?*⁵.

Esta comunicação é um exercício pela afirmação da potência da escrita ficcional para pesquisas na/da Educação Matemática que se propõe tensionar as estruturas dadas como verdadeiras. Apresentam-se os rastros de uma pesquisa de doutorado desenvolvida na Universidade Federal de Minas Gerais no programa Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação. A pesquisa tem por objetivo principal enveredar-se pelos caminhos do cerrado juntamente às artesãs do barro do Vale do Jequitinhonha. Então, conhecer e analisar, a partir da nossa óptica, mas mobilizados pela atuação do outro, os movimentos que se fazem na constituição de um corpo feminino mesclado ao território, nem bioma, nem mulher, que produz novas formas de comunicar ciência longe de essencialismos, mas com olhares voltados ao chão da prática. Trabalhando, assim, nos limites da impossibilidade para aquilo que chamamos de indisciplinaridade ou um ‘currículo artesã’.

2 *Nem* presenças, *nem* ausências: diários de uma pesquisa no Jequitinhonha

a. Belo Horizonte, 13 de abril, sábado, tarde.

Preparando para a viagem para campo doutorado: longe, dispendioso e cansativo, admito. Sinto que ainda há algumas fissuras que deixei pelo mestrado que me convidam a passear por aqueles territórios⁶, mais uma vez. Ver aquelas pessoas e, finalmente, manusear o barro. Não toquei nele em 2020, ano em que estive no campo para o mestrado. Sutilmente, lembro-me que, no processo de pesquisar, havia envolvida uma certa angústia. Mas, o que a

⁴ “Os indecíveis, em Derrida, são noções que, a partir de noções diversas, falam, ou melhor, traduzem a lógica paradoxal em que se move o pensamento da desconstrução. Mais especificamente, trata-se de *noções* que, pondo em questão o ideal da presença, portam a marca de uma exposição à *alteridade* que sempre escapa ao jogo restritivo da relação *presença/ausência*, jogo este que, na metafísica, oferece toda a possibilidade de conceituação. Os *indecíveis* não são, portanto, nem palavras nem conceitos, mas sim o que Derrida chama de *quase-conceitos*, já que não obedecem à lógica opositiva dos universais, na medida em que *se voltam para uma alteridade radical, sem pólo de oposição*. Eles são, em outras palavras, a ‘condição de possibilidade’ se assim podemos dizer — com a devida atenção para as aspas —, do surgimento da polarização”. (Continentino, 2008, p. 60).

⁵ Algumas flexões de gênero, aparentemente incorretas, são intencionais e necessárias a esta escrita.

⁶ Campo Buriti e Campo Alegre, comunidades rurais de Turmalina/MG situadas no Vale do Jequitinhonha.

ciência tem a ver com a angústia? Nada ou muito? A angústia parece me tirar das certezas tranquilizadoras, da imobilidade fundadora. Creio que essa angústia nasce da minha implicação — em estar implicado com, comprometido com, atrelado com, não de birra com — no jogo desta pesquisa, também pelo “medo de ser apanhado no jogo, de ser como ser logo de início no jogo”⁷. Uma angústia da captura, da disciplinarização, do formato enrijecido que não brinca.

b. Turmalina, 14 de abril, domingo, noite

Na estrada para Turmalina, pouco depois de Curvelo, comecei a sentir um cheiro de pasto, de chuva e de curral. Um cheiro de verde, um cheiro bom, que me remetia a qualquer lugar, menos a BH. Olhei para os lados, campo aberto, vegetação rasteira beijada por um céu claro e com nuvens *brancoazuladas*, pastos, mas sem animais. Parecia um cheiro de liberdade. Minha liberdade tinha cheiro de bosta de vaca. O cheiro da minha liberdade me levou de volta a BH. Parte da calçada que conduz à escola é esburacada, cheia de lixo, com passeio perdendo pedaços e com fezes humanas. Tenso: cocô de gente, mesmo.

Comecei a ressignificar meu campo a partir desse contraponto: sim, eu preferiria o cheiro da liberdade ao cheiro da obrigação. Aliás, o que mais eu pretendia com aquele cheiro? Fiquei pensando o que me prende e o apreendo quando transito pelas minhas práticas... a calçada esburacada da metrópole e os pastos verdes do interior. Parece que as minhas práticas estavam me confrontando. Aquele cheiro na estrada abriu mais uma fissura para discussão que envolve meu fazer como professor: *como as artesãs do barro podem me motivar a problematizar um currículo ([in]disciplinar)⁸ de matemática que seja afetado pelas instabilidades das práticas socioculturais, pelas inconstâncias da natureza e pelos jogos corporais praticados pelas atrizes e atores em cada cena de trabalho?*⁹

c. Turmalina, 15 de abril, estrada para Campo Buriti, segunda-feira, manhã – Diário em áudio enquanto eu dirigia.

Confesso que, apesar do longo tempo dirigindo no dia anterior, eu estava menos preocupado com as horas e mais atento à estrada. Será que, finalmente, esse era o panorama ao qual eu deveria me atentar? Era isso que eu deveria significar enquanto um processo de pesquisa

⁷ Derrida, 2002, p.231.

⁸ Um currículo [in]disciplinar – ou menor – nos permite sermos revolucionários, na medida em que ele se configura com base nas práticas socioculturais que se produzem em solos culturais distintos. Ao encontrar como fonte principal práticas socioculturais não escolarizadas, o currículo indisciplinar tensiona as políticas curriculares das políticas públicas, dos ministérios e secretarias, dos gabinetes. Ele é resistência ao esmagamento, ao apagamento e a todos e quaisquer mecanismos de controle e subalternização vigentes. [in]disciplinares ou [in]subordinados com o uso de colchetes no intuito de que as marcações rígidas centralizadores sejam minimizadas ou borradas.

⁹ Na perspectiva wittgensteiniana, assumimos que “Todo signo sozinho parece morto. No uso, ele vive.” (Wittgenstein, IF - §432). Na alteridade, os signos manifestam-se segundo as ações encenadas.

que busca um vislumbre distanciado das práticas do artesanato em barro para, então, mobilizar os jogos e relações que se fazem por meio de cenas e encenações ali praticados? Seria esse o panorama apresentado pelo cerrado, pelas *mulheres artesãs* e pelas linguagens que se consolidam em tempos e espaços próprios e que se manifestam no uso pelos seus participantes? O que o panorama poderia me mostrar em suas particularidades?

Incrível como 20 minutos de asfalto me permitiram revisitar minha biblioteca. Como que chama uma biblioteca de imagens, sons, cheiros e coisas não escritas sob forma de palavras? Minhas aulas não fogem a esse percurso. *Aqui está uma das guinadas. Quem sabe, uma tentativa de desterritorializar um currículo operante disciplinarmente para, então, reterritorializar a sala de aula com currículos indisciplinados que operem entre práticas socioculturais e linguagens praticadas por diferentes grupos étnicos, por exemplo.* Escrevendo isso, penso o quão importante é construir ou efetivar pequenos levantes cotidianos na docência que aumentem o diálogo ou alarguem os poros desse currículo ocidental consolidado. Micropolíticas são urgentes. Vez ou outra me pego exemplificando gráficos de funções por meio de trajetória de projéteis, mas nunca aproveitei a chance de problematizar quantas pessoas morrem por balas perdidas, anualmente, no Brasil. Um agenciamento nunca é individual. Agenciamentos são coletivos e, por isso, marcados por trajetórias que se encontram e distanciam em diversos pontos.

d. Campo Buriti (Turmalina), 15 de abril, segunda-feira, tarde.

Cheguei à casa de Terezinha – artesã que eu já conhecia e que me receberia – e, longe de qualquer surpresa, fui recepcionado como a um amigo querido que há muito não se vê. Quanta hospitalidade em um abraço! Como ela diz, “*Uma alegriage*”. Após ser acomodado, fomos trabalhar! Terezinha me apresentou os instrumentos de modelagem que utilizaríamos, o torrão de terra bruto e o barro já umedecido e pronto para a modelagem. *Havia um roteiro de trabalho muito bem percorrido naquela cena.* Eu estava bem interessado em, literalmente, colocar a mão no barro. Na minha pretensão, achei que sairia dali um artesão em formação e digno de modelar peças parecidas como as das mestras já consolidadas ali. Mentira, não pensei nisso. *Eu estava entregue ao que Terezinha tivesse a compartilhar. E, além da entrega, o que ela poderia ressignificar frente ao que eu entendia por disciplinaridade [Matemática].*

Escolhi que faria uma moringa como primeiro artefato. Audacioso. Terezinha, sábia, foi me mostrando o básico, desde amassar e espalhar o barro a acomodá-lo no molde. *Era isso: algo como “siga-me”, “veja o que eu faço”.* Uma prática social que se passava por meio de

uma encenação de um corpomulher rico em historicidade. Na tese da Carol¹⁰ ela discorria sobre ence(ensi)nação e, felizmente, eu conseguia perceber a palavra enunciada em ação. Terezinha não pegava em minha mão para fazer junto, como quando se pega na mão de uma criança que está aprendendo a escrever, mas, a todo momento e pacientemente, parava e me mostrava: “É assim, ó”.

Escrevendo, agora, fico indagando sobre a presença daquela mulher durante a aula que ela me concedera. Uma aula, uma oficina... Qual seria a diferença? Alguma em posição de superioridade à outra? Onde residiria o significado atrelado às duas práticas? O que se consolidou, entretanto, foi como aquele corpo feminino parecia colocar um pedaço da sua carne em cada movimento que fazia junto ao barro que manipulava. Parecia que a terra que ela misturava era uma extensão do seu corpo, era como se o barro dançasse, como se corpo e terra fossem uma coisa só, indissociável. Eu poderia jurar que via o barro se mexendo sozinho. Mas, não. Não havia nada de exótico ali. Nada. Seria Terezinha feita de cerrado ou seria o barro feito de Terezinha e, quem sabe, de um pouco de Rafael?

Terezinha me mostrou a base da moringa. Ali eu descobri que o utilitário deveria ser levantado aos poucos e em dias diferentes. Não adiantava ter pressa. *A ciência ali era outra, uma que se vinculava intimamente à natureza do barro, do clima e das pessoas. Barro bom e tempo úmido não fazem moringa firme, ainda que a experiência da artesã seja indiscutível.*

Nada daquilo era novo. Nada daquilo era exótico. Nada daquilo era excêntrico. Fora do centro. Qual centro? Quem delimitou um centro? Qual ordem dizia que ali não havia excentricidade alguma? Um currículo artesã, assim, torcido, nem central, nem marginal, mas sempre em movimento. Fluido no sentido de se materializar por meio de diferentes práticas de diferentes grupos sociais. Um currículo artesã, um currículo tecelã, um currículo cozinheira, dentre tantos. Coordenados em resistências, mas desobedientes frente a uma norma única.

Após o almoço e minha soneca de duas horas, fizemos mais um pouquinho da moringa — Terezinha fazia uma também —, emendando mais fileiras de barro — chamadas de pavio — e conformando até o pretendido. *“Vai sentindo o peso. Imagina quando estiver cheia de água. Será que vai ficar pesada?”* Uma aula encenada.

Confesso que a oficina de modelagem, melhor, a aula de modelagem, tomava um rumo para além do manuseio cadenciado do barro. Era um manuseio sensível, comedido, mas assertivo. Não, não era apenas uma combinação de minerais que estava sendo tasteada, mas

¹⁰ Carolina Tamayo, coautora desta comunicação e orientadora da tese em desenvolvimento.

um jogo de sabedorias, criações, modificações, cruzamentos e interlocuções que se multiplicavam e se expandiam a cada revirada no barro. Terezinha conversava com a sua moringa e comigo simultaneamente e todos dialogavam: a artesã jogava com o aprendiz e a artesã jogava com o barro moldado.¹¹ Moringa como utensílio, como objeto que tem marcas inseridas em sua composição, que tem as interações geracionais gravadas em cada movimento de mão? Moringa como inanimado, não-humano, mas repleto de insurgências históricas, econômicas e sociais?

3 Um caminho aberto a experimentações

A escrita desta comunicação, que borra limites entre ficcionalidade e realidade, que trabalha no limite da impossibilidade, já é aporte de estranhamento e movimentações para aquilo que chamamos de indisciplina ou um currículo artesã. Sim: currículo em masculino e artesã em feminino. Dadas as cenas performadas por Terezinha, mobilizamos um currículo como uma prática social agenciada por grupos que joguem e sigam as regras do jogo de uma matemática [im]possível, indecível no limite do aprisionamento e das adequações possíveis e esperadas por cada corpo. Um currículo motivado pelas práticas socioculturais, que não é aprisionado pelas normativas das políticas públicas e que se porta como resistência a quaisquer formas de subalternização e apagamento de corpos marginais.

Referências

CONTINENTINO, Ana Maria. O luto impossível da desconstrução. In: DUQUE-ESTRADA, Paulo Cesar. *Espectros de Derrida*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2008. p.59-87.

DERRIDA, Jacques. O animal que logo sou (A seguir). Tradução de Fábio Landa São Paulo: EdUNESP, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophische Untersuchungen/Investigações filosóficas*. Tradução de João José R. L. Almeida. Edição Bilingue Alemão-português. s/d. Disponível em: <http://www.psicanaliseefilosofia.com.br/textos/InvestigacoesFilosoficas-Original.pdf>; acesso em 3 jun. 2020.

¹¹ Aqui reside ponto fundamental de nossa discussão: lançar-nos na experiência de um currículo que seja receptivo, hospitaleiro e amoroso, para além de romântico. Currículos que se fazem acontecer junto ao fazer das práticas, cada prática com sua própria técnica e forma de ser aprendida. Currículos que sejam comunitários, que se façam pela e com a comunidade, entrecortados pelas ruas da ciência ocidental, mas nunca fechados em um centro ou em um crucifixo apoteótico. Currículos indisciplines que nos ensinam de muitas matemáticas como métodos e técnicas que permitem múltiplas formas de fazer a vida acontecer. Currículos que se façam por meio do jogo praticado entre toda a comunidade educativa e, sobretudo, suscetíveis a mudanças e adequações de regras dados os diferentes níveis de jogos que podem ser enunciados a partir de uma única situação.